



**PERCEPÇÕES DE CLIMA DOS CAMPI BRASILEIROS E SAÚDE
MENTAL DE ESTUDANTES LÉSBICAS, GAYS E BISEXUAIS**

Dissertação de Mestrado

Vicente Rodrigues Inácio Filho

Dezembro de 2019

Porto Alegre – RS

Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul
Instituto De Psicologia
Programa De Pós-Graduação Em Psicologia

**PERCEPÇÕES DE CLIMA DOS CAMPI BRASILEIROS E SAÚDE MENTAL DE
ESTUDANTES LÉSBICAS, GAYS E BISSEXUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e para a banca avaliadora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Garcia Dias.

Vicente Rodrigues Inácio Filho

Dezembro de 2019

Porto Alegre – RS

Agradecimentos

Ao meu pai, Vicente, e a minha mãe, Vera, que me ensinaram, na prática, os significados das palavras *amor* e *persistência*. Eu sou extremamente grato pelo apoio incondicional que vocês têm me oferecido ao longo de todos esses anos. Vocês me ensinaram valores que carrego comigo até hoje – e um deles é a importância da educação para os indivíduos. As dificuldades financeiras que enfrentaram para pagar mensalidades de colégios, assim como os dias em que trabalharam até tarde da noite, não foram em vão. Este trabalho é fruto da trajetória profissional que vocês me ajudaram a construir;

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Cristina, por ter me acolhido no seu grupo de pesquisa. Obrigado por ter me oferecido um espaço para falar sobre questões que são tão importantes para mim; por ter me dado liberdade criativa, de modo que eu pudesse trabalhar com temas de grande relevância social, os quais precisam ser explorados pela Psicologia no Brasil. Agradeço também pelos momentos em que me aconselhou, em que se preocupou comigo, em que compartilhou afetos e alegrias, em que compreendeu minhas dificuldades e em que me incentivou a ser o melhor profissional que posso ser;

Aos(às) demais Professores e Professoras que se fizeram presentes durante a minha trajetória educacional, desde o Maternal até a Pós-Graduação. O empenho que dedicam à arte de educar é admirável e merece ser reconhecido. Tenham a certeza de que vocês fizeram a diferença na minha vida e nas vidas de muitas pessoas. Agradeço, em especial, aos Professores que compuseram a banca examinadora do meu Projeto de Qualificação e da minha Dissertação: Dr. Ângelo Brandelli Costa, Dr. Cesar Augusto Piccinini e Dr. Elder Cerqueira-Santos. Vocês são, para mim, grandes modelos de docentes e pesquisadores. Suas contribuições foram essenciais para a elaboração deste trabalho. Agradeço também: às Professoras Dr.^a Kátia Bones Rocha e Dr.^a Janaína Pacheco, que contribuíram para o meu trabalho durante a Rodada de Pré-Qualificação; ao Prof. Dr. Marco Teixeira, que sanou incontáveis dúvidas e que ofereceu

suporte ao longo do Mestrado; e ao Prof. Dr. Daniel Canavese, pelo reconhecimento que tem me dado e pela compreensão durante o período final de escrita deste trabalho;

Aos(as) meus(minhas) grandes amigos(as) Alexandra Alvim, Anderson Rosa e Renata Keiko. Obrigado pelas incontáveis vezes em que vocês estiveram presentes e me deram apoio e carinho. Obrigado por me ouvirem, quando tudo que eu falava estava relacionado a esta dissertação;

Aos(às) colegas do Núcleo de Pesquisas e Intervenções Cognitivo-Comportamentais e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, pelos almoços, cafés, confraternizações, festas e viagem em que estivemos juntos(as). As trocas de conhecimentos e de afetos e o apoio oferecido foram essenciais para tornar a árdua trajetória do Mestrado mais agradável e enriquecedora. Em especial, a Henrique Abe, Susan Lusca, Clara de Paula, Roberta Zanini, Tainá Fonseca, Mikael Almeida, Camila Rodycz, Carolina Druck, Pierre Motta, André Stephanou, Maíra Almeida, Laura Moraes, Dyane Rech e Ricardo Rilton;

À querida Dr.^a Juliana Sbicigo, pela consultoria estatística, que contribuiu imensamente para as análises de dados realizadas durante esta investigação;

Às bolsistas que participaram do projeto de pesquisa que subsidiou este trabalho, em especial a Isabella Kahl;

Ao querido amigo Vinícius de Mesquita, por ter me inspirado a acreditar no potencial revolucionário da ciência;

A todos que contribuíram para a divulgação da coleta de dados, em especial a minha amiga Manoela Medeiros;

A todos que participaram do estudo empírico, por terem dedicado um pouco do seu tempo ao questionário elaborado e, conseqüentemente, por terem proporcionado a construção deste trabalho;

Aos(às) alunos(as) do curso de extensão Psicologia, Saúde e Diversidade Sexual e de Gênero, que foram algumas das pessoas que me inspiraram a escrever o ensaio teórico. Em especial, às queridas Tayná e Carolina, que aceitaram colocar em prática ideias que discutimos ao longo do curso;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão de bolsa de Mestrado;

Aos membros do projeto de pesquisa “Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT): estratégias de análise, avaliação e formação para o aprimoramento do Sistema Único de Saúde”, por me inspirarem a incluir neste trabalho referências relacionadas ao tema da interseccionalidade;

Às comunidades LGBTs espalhadas por todo o Brasil – em especial, as de Porto Alegre. A força e as histórias de vocês me comovem e me inspiram.

Sumário

Lista de tabelas.....	8
Resumo.....	9
Abstract.....	10
Apresentação	11
Referências	15
I. Estresse de minoria e saúde mental de lésbicas, gays e bissexuais	20
Resumo	20
Abstract.....	20
Resumen	21
Introdução.....	22
O modelo do estresse de minoria	24
Componentes do estresse de minoria.....	26
Episódios de preconceito.....	26
Estigma e expectativas de rejeição e de discriminação	30
Ocultação da orientação sexual	36
Homonegatividade internalizada.....	39
Recursos mitigadores do estresse de minoria.....	42
Considerações finais.....	45
Referências.....	46
II. Percepções de clima do campus e saúde mental de estudantes lésbicas, gays e bissexuais	55
Resumo	55
Abstract.....	56
Método.....	63
Participantes	63
Instrumentos	64
Procedimentos e considerações éticas	65
Análises de dados	66
Resultados	67
Discussão	71
Considerações finais.....	76

Referências.....	77
Considerações finais	89
Referências	92
Apêndices.....	94
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	94
Apêndice B – Questionário sociodemográfico.....	96
Anexos	104
Anexo A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	104
Anexo B – Escalas de Depressão, Ansiedade e Estresse – Versão Reduzida.....	108
Anexo C – Escala de Resiliência.....	110
Anexo D – Escala de Experiências de LGBTs Junto ao Seus Pares.....	111

Lista de tabelas

Tabela 1. Frequências (%) com que os participantes presenciaram situações de violência contra LGBTs.....	67
Tabela 2. Magnitudes das correlações entre clima do campus e as variáveis de saúde mental.....	68
Tabela 3. Modelos de regressão logística para as variáveis de saúde mental: comparações entre o primeiro e o quarto quartil.....	70

Resumo

Clima do campus se refere às atitudes de comunidades acadêmicas a respeito de questões relacionadas à diversidade. Ele é diretamente influenciado por episódios de preconceito contra indivíduos marginalizados, incluindo minorias sexuais e de gênero. Ainda hoje, o preconceito representa um grave problema para Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBs). Na literatura científica, ele tem sido associado a prejuízos para a saúde mental de minorias sexuais, como sintomas de depressão e de ansiedade. Esses prejuízos são parcialmente explicados por um conjunto de estressores específicos vivenciados por LGBs, denominados estressores de minoria. Com base nisso, a presente dissertação investigou a relação entre clima do campus e saúde mental de LGBs à luz da perspectiva do Estresse de Minoria (EM). O primeiro capítulo é um ensaio teórico que apresenta o modelo do EM e explora os seus componentes. O segundo capítulo é um artigo de pesquisa, redigido com base em um recorte de um estudo sobre clima dos campi brasileiros e saúde mental de minorias sexuais. Verificou-se que a vulnerabilidade de discentes LGBs é multicausal, sendo atravessada por fatores relacionados ao clima do campus e ao EM.

Palavras-chave: clima do campus, estresse de minoria, saúde mental, homossexualidade, bissexualidade.

Abstract

Campus climate refers to the attitudes of academic communities around issues of diversity. It is directly influenced by episodes of prejudice against marginalized individuals, including gender and sexual minorities. Even today, prejudice is a serious problem for Lesbian, Gay and Bisexual (LGB) people. In the scientific literature, it has been associated with mental health problems in sexual minorities such as symptoms of depression and anxiety. These problems are partially explained by a set of specific stressors experienced by LGBs, called minority stressors. Based on this understanding, the present dissertation investigated the relationship between campus climate and LGB mental health in the light of the Minority Stress (MS) perspective. The first chapter is a theoretical essay that presents the MS model and explores its components. The second chapter is a research article, based on an excerpt from a larger study on Brazilian campuses climate and mental health of sexual minorities. The vulnerability of LGB students has been found to be multicausal, being permeated by factors related to campus climate and MS.

Key words: campus climate, minority stress, mental health, homosexuality, bisexuality.

Apresentação

Em 2019, o preconceito contra diversidade sexual ainda é um problema enfrentado por indivíduos LGBs (Lésbicas, Gays e Bissexuais) ao redor de todo o mundo. Atualmente, 70 países possuem legislação que pune a homossexualidade e a bissexualidade. Em seis deles, o mero fato de ser LGB é suficiente para condenar um indivíduo à pena de morte (“Apesar de avanços, ser gay ainda é crime em 70 países”, 2019). Por esse motivo, os avanços alcançados nas últimas décadas devem ser celebrados. Desde a Revolta de Stonewall, ocorrida em 1969, o ativismo de LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) tem contribuído para importantes vitórias para minorias sexuais e de gênero. No Brasil, esses avanços incluem o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo gênero (Res. CNJ 175, 2013) e a equiparação da homofobia e da transfobia ao crime de racismo em termos constitucionais (“STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo”, 2019).

Ao longo da História, um dos dispositivos que contribuíram para a propagação do preconceito contra LGBTs foi a patologização de suas identidades sexuais e de gênero. As ciências, em especial a Psicologia e a Psiquiatria, contribuíram para patologizar orientações não-heterossexuais, de modo que elas fossem compreendidas como perversões (Costa & Nardi, 2015; Rodrigues & Boeckel, 2016; Pitoňák, 2017). Atualmente, essas ciências devem se comprometer com uma reparação histórica dos prejuízos que colaboraram para causar. Profissionais que se preocupam com a promoção do respeito à diversidade sexual devem tensionar os espaços nos quais se encontram – isto é, abordar assuntos relacionados a pessoas LGBTs de maneira transversal, encontrando pontos em comum entre esses temas e as suas áreas de atuação. Desse modo, eles(as) poderão contribuir para que avanços continuem acontecendo.

Durante todas as etapas de suas vidas, minorias sexuais têm que lidar com manifestações de preconceito (Albuquerque, Parente, & Moreira, 2017; Cardoso & Ferro,

2012; Meyer, 2003). No entanto, o reconhecimento social dessa realidade começou a ocorrer apenas em décadas recentes. Pesquisas têm contribuído para identificar as formas, as intensidades e as frequências com que o preconceito sexual se apresenta, além das consequências desse fenômeno para Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBs) (Kite & Whitley, 2016; Szymanski, Kashubeck-West, & Meyer, 2008). Uma revisão de literatura feita por Meyer, em 2003, revelou que o preconceito e o estigma se manifestam de maneira distal-proximal. Na prática, isso significa que a discriminação deve ser combatida, ao mesmo tempo que em que são trabalhados aspectos relativos à cognição, o afeto e o comportamento de LGBs. Uma compreensão aprofundada dos processos psicossociais associados ao preconceito pode oferecer a educadores, gestores e clínicos ferramentas para lidar com os efeitos negativos desse fenômeno.

A perspectiva popularizada por Meyer (1995, 2003) foi denominada como teoria do Estresse de Minoria (EM). De acordo essa abordagem, deve-se pensar a saúde mental de populações LGBs a partir de processos psicossociais que as afetam negativamente no seu dia-a-dia. Segundo Meyer (2003), episódios de preconceito, expectativas de rejeição, ocultação da orientação sexual e internalização de homonegatividade são estressores que prejudicam o bem-estar de LGBs. Recentemente, esse tema começou a ser abordado por pesquisadores(as) brasileiros(as). O trabalho de Lawrence (2017), por exemplo, investigou as relações entre estressores de minoria, relações familiares e problemas de saúde mental em homens homossexuais. Já na pesquisa de Dunn, Gonzalez, Costa, Nardi e Iantaffi (2014), encontrou-se evidência de que a teoria do EM pode auxiliar na compreensão da saúde mental de LGBs brasileiros(as).

Episódios de discriminação ocorrem em diferentes contextos. As universidades – espaços que, em teoria, devem prezar pela segurança e o desenvolvimento profissional e intelectual dos(as) alunos(as) – não são exceção à regra. Em junho de 2017, foi noticiado o

caso de um professor universitário de João Pessoa (PB) que afirmou que a homossexualidade é uma perversão e uma aberração (“Professor faz comentário homofóbico”, 2017). Em 2010, um aluno da Universidade de São Paulo (USP) relatou ter sofrido agressões físicas e verbais, enquanto estava abraçado ao namorado em uma festa organizada por uma associação atlética ligada à instituição (“Estudante gay é agredido”, 2010). No mesmo ano, um aluno da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) enviou um e-mail no qual propunha que futuros médicos se recusassem a atender pacientes homossexuais ou, ainda, que os oferecesse um tratamento incorreto (Ogliari, 2010).

Pesquisas nacionais e internacionais encontraram evidências que vão ao encontro dessas notícias. Treharne et al. (2016) acessaram 1.234 estudantes LGBTs da Universidade de Otago, na Nova Zelândia, e verificaram que um quarto da amostra havia sido vítima de assédio em função de suas orientações sexuais e/ou identidades de gênero. Já numa investigação com mais de 4.000 estudantes LGBTs do Reino Unido, encontrou-se que 20% já havia sofrido esse tipo de assédio (National Union of Students, 2014). Por fim, em uma pesquisa com 5.149 alunos(as) e funcionários(as) de Instituições de Ensino Superior (IES) estadunidenses, encontrou-se que 23% dos(as) respondentes já havia experienciado assédio e que 61% já haviam ouvido comentários depreciativos (Rankin, Weber, Blumenfeld, & Frazer, 2010). Esses índices de violência provavelmente estão associados a crenças, afetos e comportamentos preconceituosos que os(as) estudantes podem perpetuar. Em um estudo com 8.184 graduandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, constatou-se que 87,83% dos(as) estudantes apresentavam algum nível de preconceito contra diversidade sexual e de gênero. Nesse estudo, chamou a atenção também a seguinte discrepância: enquanto 33,4% dos heterossexuais estavam cientes de episódios de discriminação contra LGBTs nos campi que frequentavam, quase o dobro (63,7%) dos(as) respondentes não-heterossexuais já tinha tomado conhecimento de tais incidentes (Costa, Peroni, Camargo, Pasley, & Nardi, 2015).

A discriminação e a violência prejudicam o *clima do campus para LGBTs*. A literatura sobre esse tema aborda as contingências ambientais específicas a universitários(as) LGBTs, bem como o impacto de fatores contextuais na saúde mental dessa população (Rankin et al., 2010, Treharne et al., 2016; Woodford, Kulick, & Atteberry, 2015). Assim como é importante que sejam feitos diagnósticos sobre a violência contra LGBTs nos campi, é necessário conhecer também o impacto desse fenômeno no bem-estar de minorias sexuais. Na investigação feita por Woodford et al. (2015), averiguou-se que um dos indicadores de clima do campus utilizados (discriminação sutil) predisser níveis de ansiedade, depressão e risco para abuso de álcool. Já na pesquisa de Woodford, Han, Craig, Lim e Matney (2014), verificou-se que as chances de estudantes não-heterossexuais reportarem níveis mais altos de ansiedade e de depressão eram de 1,57 e 1,73 vezes, respectivamente. Portanto, é crucial que sejam explorados os fatores subjacentes à produção de saúde mental em discentes LGBs.

A presente dissertação está dividida em dois estudos. O primeiro se trata de um ensaio teórico, que objetiva explorar o modelo do EM e discutir a respeito de seus componentes. Até onde se sabe, este será o primeiro artigo teórico sobre o EM a ser publicado em português brasileiro. Assim, acredita-se que esse trabalho será relevante para o cenário científico nacional, visto o seu potencial para motivar pesquisadores(as), educadores(as), clínicos e estudantes a entender as consequências do preconceito e do estigma para a saúde mental de LGBs. A compreensão de tais consequências pode contribuir para o planejamento de futuras intervenções, sejam elas terapêuticas, preventivas e/ou psicoeducativas.

Já no segundo estudo, apresenta-se um recorte de uma pesquisa sobre clima do campus e saúde mental de LGBs. A perspectiva do EM fundamentou a construção desse estudo, considerando que ela permite refletir sobre a saúde mental de LGBs com base em estressores vivenciados por esses indivíduos. As hipóteses de pesquisa foram, inclusive, pensadas à luz dos achados de Meyer (2003). Através desse trabalho, pretende-se contribuir para a construção

de conhecimento científico e para o desenvolvimento de ações voltadas à saúde mental de minorias sexuais que estão na universidade (Przedworski et al., 2015). É possível construir um ambiente acadêmico mais seguro e acolhedor para estudantes LGBs através da implantação de mecanismos de suporte institucional (Westefeld, Maples, Buford, & Taylor, 2001), o que pode repercutir na saúde mental dessa população. Entre esses mecanismos, encontram-se programas de conscientização e prevenção do preconceito contra diversidade sexual, ações de promoção da visibilidade de estudantes LGBs e implementação de políticas de inclusão social (Przedworski et al., 2015; Woodford et al., 2015).

É importante ressaltar que este trabalho está pautado em questões relacionadas a *orientação sexual*, isto é, a atração afetiva e sexual direcionada a indivíduos de um ou mais gêneros. Assim, quando se citam LGBs, fala-se em indivíduos que sentem atração por pessoas do mesmo gênero (nos casos de lésbicas e de gays) ou por ambos os gêneros binários (no caso de bissexuais). Aqui, não serão aprofundadas questões relacionadas a *identidade de gênero*, ou seja, a experiência interna e individual do gênero, a qual pode corresponder ou não ao sexo atribuído no nascimento (Brasil, n.d.). Menções esporádicas à sigla LGBT serão feitas a partir das publicações referenciadas.

Referências

- Albuquerque, G. A., Parente, J. S., & Moreira, F. T. L. S. (2017). Violência como violação dos direitos humanos de minorias sexuais: Impactos na saúde. *Rev. Saúde.Com*, 13(4), 1034–1043. doi: 10.22481/rsc.v13i4.475
- Apesar de avanços, ser gay ainda é crime em 70 países (em alguns deles com pena de morte) (2019, Maio, 17). *O Globo*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/celina/apesar-de-avancos-ser-gay-ainda-crime-em-70-paises-em-alguns-deles-com-pena-de-morte-23674176>

- Brasil. Ministério da Saúde. (n.d.). Promotores e Promotoras da Saúde LGBT para Profissionais no SUS – 2ª Edição. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189266/001082168.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Cardoso, M. R., & Ferro, L. F. (2012). Saúde e população LGBT: Demandas e especificidades em questão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 552–563. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/2820/282024793003/>
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: Debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715–726. doi: 10.9788/TP2015.3-15
- Costa, A. B., Peroni, R. O., Camargo, E. S., Pasley, A., & Nardi, H. C. (2015). Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian public university: Prevalence, awareness, and the effects of education. *Sexuality Research and Social Policy*, 12(4), 261–272. doi:10.1007/s13178-015-0191-z
- Dunn, T. L., Gonzalez, C. A., Costa, A. B., Nardi, H. C., & Iantaffi, A. (2014). Does the minority stress model generalize to a non-US sample? An examination of minority stress and resilience on depressive symptomatology among sexual minority men in two urban areas of Brazil. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(2), 117–131. doi: 10.1037/sgd0000032
- Estudante gay é agredido em festa da USP. (2010, Outubro 26). *Estadão*. Recuperado de <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,estudante-gay-e-agredido-em-festa-da-usp,630058>
- Kite, M. E., & Whitley, B. E., Jr. (2016). *Psychology of prejudice and discrimination* (3rd ed.). New York, NY, USA: Routhledge.

- Lawrence, P. (2017). *Estresse de minoria, fatores familiares e saúde mental em homens homossexuais* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of Health and Social Behavior*, 36(1), 38–56. doi: 10.2307/2137286
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. doi: 10.1037/0033-2909.129.5.674
- National Union of Students. (2014). *Education Beyond the Straight and Narrow: LGBT Students' Experience in Higher Education*. London, UK: NUS.
- Ogliari, E. (2010, Dezembro 10). Inquérito investigará homofobia em universidade do RS. *Estadão*. Recuperado de <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,inquerito-investigara-homofobia-em-universidade-do-rs,652373>
- Oliveira, C. T, Dias, A. C. G., & Piccoloto, N. M. (2013). Contribuições da terapia cognitivo-comportamental para as dificuldades de adaptação acadêmica. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(1), 1–18. doi: 10.5935/1808-5687.20130003
- Pitoňák, M. (2017). Mental health in non-heterosexuals: Minority stress theory and related explanation frameworks review. *Mental Health & Prevention*, 5(2017), 63–73. doi: 10.1016/j.mhp.2016.10.002
- Professor faz comentário homofóbico e é afastado de universidade. (2017, Junho 30). *Catraca Livre*. Recuperado de <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/professor-faz-comentario-homofobico-e-e-afastado-de-universidade/>
- Przedworski, J. M., VanKim, N. A., Eisenberg, M. E., McAlpine, D. D., Lust, K. A., & Laska, M. N. (2015). Self-reported mental disorders and distress by sexual orientation: results

- of the Minnesota college student health survey. *American Journal of Preventive Medicine*, 49(1), 29–40. doi: 10.1016/j.amepre.2015.01.024
- Rankin, S., Blumenfeld, W. J., Weber, G. N., & Frazer, S. (2010). *State of higher education for LGBT people*. Charlotte, NC, USA: Campus Pride.
- Resolução 175 do Conselho Nacional de Justiça (2013). Recuperado de http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf (promulgada).
- Rodrigues, V., & Boeckel, M. (2016). Conjugalidade e homossexualidade: Uma revisão sistemática de literatura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(55), 96–109. Recuperado de <http://www.revistanps.com.br/nps/article/view/138>
- STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa (2019, Junho, 13). *Notícias STF*. Recuperado de <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>
- Szymanski, D. M., Kashubeck-West, S., & Meyer, J. (2008). Internalized heterosexism: A historical and theoretical overview. *The Counseling Psychologist*, 36(4), 510–524. doi: 10.1177/0011000007309488
- Trehan, G., Beres, M., Nicolson, M., Richardson, A., Ruzibiza, C., Graham, K., ... Ballantyne, N. (2016). *Campus climate for students with diverse sexual orientations and/or gender identities at the University of Otago, Aotearoa New Zealand*. Otago University Students' Association. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10523/6950>
- Westefeld, J. S., Maples, M. R., Buford, B., & Taylor, S. (2001). Gay, lesbian, and bisexual college students: The relationship between sexual orientation and depression, loneliness, and suicide. *Journal of College Student Psychotherapy*, 15(3), 71–82. doi: 10.1300/J035v15n03_06
- Woodford, M. R., Han, Y., Craig, S., Lim, C., & Matney, M. M. (2014). Discrimination and mental health among sexual minority college students: The type and form of

discrimination does matter. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 18(2), 142–163.

doi: 10.1080/19359705.2013.833882

Woodford, M. R., Kulick, A., & Atteberry, B. (2015). Protective factors, campus climate, and health outcomes among sexual minority college students. *Journal of Diversity in Higher Education*, 8(2), 73–87. doi: 10.1037/a0038552

Considerações finais

À medida que as pesquisas avançam, fica cada vez mais clara a importância de se considerar as especificidades da produção de saúde em Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBs). Infelizmente, o preconceito sexual ainda interfere na constituição identitária e nos processos saúde-doença vivenciados por essas minorias, o que acarreta em sofrimento psíquico e em elevação de risco para psicopatologias (Cardoso & Ferro, 2012; Meyer, 2003). Ao mesmo tempo, deve-se levar em consideração que as identidades LGBs frequentemente se interligam a outras identidades minoritárias. Publicações contemporâneas têm chamado a atenção para o caráter interseccional da construção identitária, a partir da qual marcadores sociais da diferença (ex. pertencimento ao gênero feminino, vulnerabilidade socioeconômica) interagem entre si (Carvalho, 2018; Mello & Gonçalves, 2010). Indivíduos LGBs negros, por exemplo, podem lidar com mais estressores do que aqueles que são brancos, considerada a existência do racismo institucionalizado (López, 2012).

Este trabalho se originou de um desejo de trabalhar essas questões junto a populações universitárias. O Núcleo de Pesquisas e Intervenções Cognitivo-Comportamentais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NuPICC/UFRGS) tem se preocupado com o bem-estar e a saúde mental das comunidades discentes, estudando temas como a procrastinação e a adaptação acadêmica. Portanto, a proposta de conhecer melhor as vivências de alunos(as) LGBs brasileiros(as) se adequava aos propósitos do grupo, ao mesmo tempo que garantia um espaço para que pautas relacionadas à diversidade sexual e de gênero fossem trabalhadas.

Através desta dissertação, almeja-se que as instituições de ensino superior se atentem às necessidades de LGBs. Assim como é fundamental o acesso de minorias sexuais ao ensino superior, é importante também que existam dispositivos que possibilitem a sua segurança e a sua permanência. O estabelecimento de políticas de combate à discriminação, a capacitação de funcionários e o oferecimento de disciplinas sobre diversidade sexual e de gênero são, por

exemplo, mecanismos que podem contribuir para a mitigação do preconceito e do seu impacto na saúde mental (Rankin, 2005; Woodford, Kulick, Garvey, Sinco, & Hong, 2018).

O clima dos campi também pode ser melhorado através da presença de coletivos estudantis LGBTs. Esse tipo de iniciativa pode atuar como fator protetivo contra o preconceito estrutural, além de promover o protagonismo de uma parcela marginalizada da sociedade, a qual adquire a oportunidade de produzir discursos científicos sobre as suas realidades sociais (Amaral, 2013; Woodford et al., 2018). As iniciativas desses coletivos comumente conjugam academia e militância através de eventos acadêmicos e de promoção da visibilidade LGBT, como Semanas Universitárias de Diversidade Sexual e de Gênero, exposições de filmes, debates públicos, oficinas, atividades de pesquisa e de extensão, petições e, inclusive, protestos (Amaral, 2013). Pesquisas nacionais sobre esses e outros fatores de proteção à saúde mental de discentes LGBTs devem ser conduzidas, pois apresentam potencial para modificar o panorama descrito ao longo deste texto.

Trabalhos futuros podem se ater também à investigação do preconceito em outros contextos, como escolas. O bullying contra minorias sexuais em contexto escolar acarreta em efeitos nocivos para o desenvolvimento desses indivíduos. Tal prática está associada a consequências psicológicas negativas a curto e longo prazo, como sintomas de depressão e de ansiedade, risco de suicídio e menor qualidade de vida (Espelage et al., 2019; Goodboy, Martin, & Goldman, 2016). Esses problemas podem, inclusive, afetar negativamente a adaptação ao ensino superior. Em pesquisa com discentes que estavam nos primeiros semestres de seus cursos, Goodboy et al. (2016) verificaram que a vivência do bullying durante o ensino médio estava associada a menor motivação para frequentar a universidade. Portanto, é possível que violências sofridas durante a vida escolar acarretem em dificuldades ao longo da trajetória acadêmica.

Conforme descrito anteriormente, este trabalho também pode propiciar um avanço para os estudos sobre saúde mental de minorias sexuais no Brasil, tendo em vista que a teoria do Estresse de Minoria (EM) foi pouco explorada na literatura científica nacional. A produção de artigo teórico sobre o assunto pode contribuir para a democratização de conhecimentos que têm embasado investigações ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, evidenciou-se que a perspectiva do EM pode guiar investigações sobre diferentes temas relacionados à população LGB, incluindo clima do campus. Apesar disso, não foi possível estudar todos os componentes do EM na amostra universitária acessada, consideradas as limitações instrumentais e de tempo que se apresentaram durante o curso da investigação. Embora os episódios de discriminação sejam um fator comum ao modelo do estresse de minoria e ao construto de clima do campus, as expectativas de rejeição, a ocultação da orientação sexual e a homonegatividade internalizada também podem predizer índices de saúde mental em universitários(as) LGBs brasileiros(as).

Por fim, é necessário considerar que esta dissertação foi elaborada durante um período político e econômico atípico na História do Brasil. Universitários(as) e pesquisadores(as) têm se deparado com um cenário de incertezas, em que notícias sobre redução de investimentos na ciência têm se multiplicado (“Capes suspende concessão de bolsas de mestrado e doutorado”, 2019; Escobar, 2019). Fala-se, atualmente, que esse movimento pode colaborar para o sucateamento do ensino superior público (Nunes, 2019). Concomitantemente, a ascensão do ultraconservadorismo no Brasil tem feito com que o preconceito contra LGBTs seja validado a nível institucional. Discursos de ódio têm fomentado a violência, a intolerância, a misoginia, o racismo e o preconceito contra diversidade sexual e de gênero (Cardoso & Alves, 2018; Codato, Berlatto & Bolognesi, 2018). Sendo assim, é crucial que os direitos humanos e as conquistas alcançadas pelo ativismo LGBT sejam defendidos. Espera-se, portanto, que este trabalho possa motivar outros(as) pesquisadores(as) a atuar na linha de frente contra o ódio que “saiu do armário”.

Referências

- Amaral, J. G. (2013). Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. *Teoria & Sociedade*, 21(2), 229–262. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rts/article/view/90/73>
- Capes suspende concessão de bolsas de mestrado e doutorado (2019, Maio 08). *GI*. Recuperado de <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/08/concessao-de-bolsas-de-mestrado-e-doutorado-pela-capes-sao-suspensas.ghtml>
- Cardoso, P. F. G., & Alves, L. (2019). Conservadorismo e laicidade de estado: Subsídios para o debate no serviço social. *Temporalis*, 18(36), 45–64. doi: 10.22422/temporalis.2018v18n36p45-64
- Cardoso, M. R., & Ferro, L. F. (2012). Saúde e população LGBT: Demandas e especificidades em questão. *Psicologia Ciência e Profissão*, 32(3), 552–563. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/2820/282024793003/>
- Carvalho, M. (2018). “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: Interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. *cadernos pagu*, (52), 33–67. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8652636>
- Codato, A., Berlatto, F., & Bolognesi, B. (2018). Tipologia dos políticos de direita no Brasil: Uma classificação empírica. *Análise Social*, (229), 870–897. doi: 10.31447/as00032573.2018229.02
- Escobar, H. (2019, Agosto 14). Sem dinheiro, CNPq deve suspender pagamento de bolsas. *Jornal da USP*. Recuperado de <https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/sem-dinheiro-cnpq-deve-suspender-pagamento-de-bolsas/>

- Espelage, D. L., Valido, A., Hatchel, T., Ingram, K. M., Huang, Y., & Torgal, C. (2019). A literature review of protective factors associated with homophobic bullying and its consequences among children & adolescents. *Aggression and Violent Behavior, 45*, 98–110. doi: 10.1016/j.avb.2018.07.003
- Goodboy, A. K., Martin, M. M., & Goldman, Z. W. (2016). Students' experiences of bullying in high school and their adjustment and motivation during the first semester of college. *Western Journal of Communication, 80*(1), 60–78. doi: 10.1080/10570314.2015.1078494
- López, L. C. (2012). O conceito de racismo institucional: Aplicações no campo da saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação, 16*(40), 121–134. Recuperado de <https://www.scielo.org/pdf/icse/2012.v16n40/121-134/pt>
- Mello, L., & Gonçalves, E. (2010). Diferença e interseccionalidade: Notas para pensar práticas em saúde. *Cronos, 11*(2), 1–11. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/cronos/issue/view/185>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin, 129*(5), 674–697. doi: 10.1037/0033-2909.129.5.674
- Nunes, L. S. (2018, Dezembro). Os desafios à educação superior na conjuntura brasileira. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16*(1), 1–14. Recuperado de <http://www.periodicos.ufes.br/ABEPSS/article/view/22594>
- Rankin, S. R. (2005). Campus climates for sexual minorities. *New Directions for Student Services, 2005*(111), 17–23. doi: 10.1002/ss.170

Apêndices

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) participante,

Este estudo está sendo realizado com o objetivo de verificar se clima do campus universitário prediz depressão, ansiedade, estresse e resiliência em estudantes Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBs). Para isso, universitários LGBs brasileiros estão sendo convidados a colaborar. O estudo envolve a sua participação respondendo a questionários e escalas (online survey), o que dura em torno de 20 minutos. Os riscos da sua participação neste estudo podem incluir desconforto decorrente de perguntas sobre questões íntimas, tais como sexualidade e possíveis episódios de violência vivenciados. Caso você experiencie tal desconforto, você poderá entrar em contato com os pesquisadores (climadocampus@gmail.com) e agendar um horário para ser acolhido – seja presencialmente ou por meio virtual (via Skype, por exemplo), conforme seu local de residência. Se necessário, você será encaminhado a um serviço público de saúde mental ou uma clínica privada que possa providenciar atendimentos psicoterápicos, a partir desse acolhimento. Embora esta pesquisa não traga nenhum benefício direto aos participantes, a sua colaboração poderá contribuir para a construção de conhecimento científico. Este estudo faz parte da dissertação de mestrado de Vicente Rodrigues Inácio Filho e está sendo orientado pela Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Garcia Dias, do Instituto de Psicologia da UFRGS, com quem podem ser obtidas maiores informações (Rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 106, Bairro Santana, Porto Alegre, RS, e-mails: anacristinagarciadias@gmail.com / climadocampus@gmail.com ou telefone (51) 33085454). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600, Bairro Santana, Porto Alegre, RS - fone (51) 33085441, e-mail: cep-psico@ufrgs.br).

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado(a) dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, e estou de acordo em participar da mesma. Fui igualmente informado(a): a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo; b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas; d) que as informações obtidas serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ficando disponíveis para futuras análises; e) que os questionários respondidos serão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável por cinco anos e depois destruídos.

Concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Discordo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Apêndice B – Questionário sociodemográfico

1 - Qual sua idade (em anos)?

2 - Em que estado brasileiro você reside?

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Acre | <input type="checkbox"/> Maranhão | <input type="checkbox"/> Rio de Janeiro |
| <input type="checkbox"/> Alagoas | <input type="checkbox"/> Mato Grosso | <input type="checkbox"/> Rio Grande do Norte |
| <input type="checkbox"/> Amapá | <input type="checkbox"/> Mato Grosso do Sul | <input type="checkbox"/> Rio Grande do Sul |
| <input type="checkbox"/> Amazonas | <input type="checkbox"/> Minas Gerais | <input type="checkbox"/> Rondônia |
| <input type="checkbox"/> Bahia | <input type="checkbox"/> Pará | <input type="checkbox"/> Roraima |
| <input type="checkbox"/> Ceará | <input type="checkbox"/> Paraíba | <input type="checkbox"/> Santa Catarina |
| <input type="checkbox"/> Distrito Federal | <input type="checkbox"/> Paraná | <input type="checkbox"/> São Paulo |
| <input type="checkbox"/> Espírito Santo | <input type="checkbox"/> Pernambuco | <input type="checkbox"/> Sergipe |
| <input type="checkbox"/> Goiás | <input type="checkbox"/> Piauí | <input type="checkbox"/> Tocantins |

3 - Em que cidade você reside?

4 - Qual das opções abaixo melhor descreve a sua cor/raça?

- Preta
- Indígena
- Branca
- Parda
- Amarela

5 - Qual das opções abaixo melhor descreve sua identidade de gênero?

- Mulher
- Homem
- Travesti
- Outra. Por favor, especifique:

6 - Qual sexo lhe foi atribuído em seu nascimento?

Feminino

Masculino

Indeterminado

7 - Qual das opções abaixo melhor descreve sua orientação sexual?

Lésbica

Gay

Heterossexual

Bissexual

Outra. Por favor, especifique:

8 - Qual das opções abaixo melhor descreve sua afiliação religiosa?

Religião afro-brasileira (ex. Candomblé, Umbanda, Batuque)

Religião oriunda da Ásia Oriental (ex. Budismo, Hinduísmo, Hare Krishna)

Espiritismo

Judaísmo

Islamismo

Catolicismo

Outras religiões cristãs (ex. Santo Daime)

Protestantismo (ex. Igreja Adventista, Anglicana, Batista, Luterana, Presbiteriana ou Metodista).

Neopentecostalismo (ex. Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular).

Mormonismo (ex. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias).

Agnosticismo.

Ateísmo.

Não tenho afiliação religiosa.

9 - Você possui alguma deficiência?

Sim

Não

Se sim, por favor, especifique:

10 - Qual seu nível de escolaridade?

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino técnico incompleto

Ensino técnico completo

Graduação em andamento

Graduação completa

Pós-graduação em andamento

Pós-graduação completa

Outro

11 - Qual o nível de escolaridade da sua mãe?

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino técnico incompleto

Ensino técnico completo

Graduação em andamento

- Graduação completa
- Pós-graduação em andamento
- Pós-graduação completa
- Não sei ou não se aplica

12 - Qual o nível de escolaridade do seu pai?

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino técnico incompleto
- Ensino técnico completo
- Graduação em andamento
- Graduação completa
- Pós-graduação em andamento
- Pós-graduação completa
- Não sei ou não se aplica

13 - Em salários mínimos, qual é a renda da sua família (considerando você e os familiares com quem você reside)?

- Entre 1 e 3 salários mínimos
- Entre 4 e 6 salários mínimos
- Entre 7 e 10 salários mínimos
- Mais de 10 salários mínimos
- Não sei precisar

14 - Qual das opções abaixo descreve melhor sua situação de moradia?

- Moro com minha família

- Moro com parente(s)
- Moro sozinho(a)
- Moro com amigo(s) e/ou conhecido(s)
- Moro em república, pensionato ou casa do estudante
- Outra. Por favor, especifique:

15 - Em qual faculdade/universidade você estuda atualmente?

16 - Para realizar o seu curso de graduação ou pós-graduação, é necessário que você frequente um campus de faculdade/universidade?

- Sim
- Não
- Não frequento um curso de graduação ou pós-graduação

17 - Qual alternativa melhor descreve o tipo de instituição de ensino superior em que você estuda?

- Instituição pública federal
- Instituição pública estadual
- Instituição pública municipal
- Instituição privada com fins lucrativos
- Instituição privada confessional com fins lucrativos (Obs.: instituições confessionais são aquelas que atendem a crenças religiosas e orientações ideológicas específicas)
- Instituição privada sem fins lucrativos

18 - Caso você estude em uma instituição privada sem fins lucrativos, assinale a alternativa que define o tipo de instituição em que você estuda:

- Não sou aluno de uma instituição privada sem fins lucrativos.
- Confessional.
- Comunitária – incluem, em sua entidade mantenedora, representantes da comunidade.

Filantrópica – instituições de educação ou de assistência social que colocam seus serviços à disposição da população em geral, em caráter complementar às atividades do Estado, sem qualquer remuneração.

Não sei responder a esta pergunta.

19 - Qual semestre do curso de graduação ou pós-graduação você está cursando?

Obs.: caso esteja matriculado em disciplinas de diferentes semestres, informe qual o semestre mais recorrente entre as disciplinas.

20 - Em que ano você ingressou na faculdade/universidade em que estuda?

21 - Caso você seja aluno de pós-graduação, você cursa:

Não sou aluno de pós-graduação

Mestrado

Doutorado

Pós-doutorado

Especialização

MBA

Outro

22 - Você ingressou no ensino superior através de política de ações afirmativas (cotas)?

Sim

Não

Se sim, por favor, especifique:

(Ex. cotas raciais, cotas socioeconômicas)

23 - Você é a primeira pessoa a frequentar o ensino superior em sua família de origem (avós, pai, mãe, irmãos)?

Sim

Não

24 - O curso de graduação que você frequenta (ou frequentou) era o seu curso de primeira escolha?

Sim

Não

25 - Atualmente, você exerce atividade remunerada?

Sim, eu tenho um emprego formal

Sim, mas trabalho informalmente

Sim, recebo bolsa na área em que estudo (ex. bolsa de iniciação científica)

Sim, realizo estágio remunerado na área que estudo

Sim, recebo bolsa, mas em uma área diferente daquela que estudo

Sim, realizo estágio remunerado, mas em uma área diferente daquela que estudo

Não

Outra. Por favor, especifique:

26 - Você já recebeu algum diagnóstico realizado por psicólogo ou psiquiatra?

Sim

Não

Não sei

Se sim, qual/quais o(s) diagnóstico(s)?

27 - Você tem ou já teve doença neurológica? (Ex. afasia, epilepsia)

Sim, já tive, e convivo com sequelas

Sim, já tive, mas não convivo com sequelas

Sim, e ainda tenho

Não, nunca tive

Se sim, qual/quais?

28 - Você já esteve em tratamento com profissional de saúde mental? (Ex. psicólogo, psiquiatra)

Sim, iniciei antes de ingressar na universidade/faculdade, e encerrei o tratamento antes de ter ingressado

Sim, iniciei antes de ingressar na universidade/faculdade, e sigo em tratamento

Sim, iniciei antes de ingressar na universidade/faculdade, e encerrei o tratamento depois de ter ingressado

Sim, iniciei depois de ingressar na universidade/faculdade, e não sigo em tratamento

Sim, iniciei depois de ingressar na universidade/faculdade, e sigo em tratamento

Não, nunca estive em tratamento

29 - Você faz uso de alguma medicação psicotrópica (antidepressivo, ansiolítico, antipsicótico, estimulante etc.)?

Sim

Não

Se sim, qual/quais o(s) nome(s) da(s) medicação(ões)?

30 - Se você utiliza medicação psicotrópica, para que você a usa?

Anexos

Anexo A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Percepções de clima dos campi brasileiros e saúde mental de estudantes lésbicas, gays e bissexuais

Pesquisador: Ana Cristina Garcia Dias

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 88314718.5.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.717.611

Apresentação do Projeto:

O projeto tem como objetivo verificar se a percepção do clima do campus universitário pode ser uma variável preditora de depressão, ansiedade, estresse e resiliência em universitários LGBs brasileiros. Para isso, os pesquisadores irão adaptar, avaliar e aplicar uma escala para conhecer como estudantes LGBs percebem o clima do campus em suas respectivas IES. Os escores observados através desse instrumento serão comparados com base nas orientações sexuais indicadas pelos respondentes. Também serão mensurados níveis de depressão, ansiedade, estresse e resiliência através de dois instrumentos. As pontuações obtidas por meio desse procedimento serão comparadas tendo em vista a variável orientação sexual.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Verificar se clima do campus percebido é uma variável preditora de depressão, ansiedade, estresse e resiliência em discentes lésbicas, gays e bissexuais.

Objetivos Secundários:

- 1) Adaptar e avaliar um instrumento para investigar clima do campus para minorias sexuais.
- 2) Conhecer as percepções de clima do campus de uma amostra de universitários brasileiros formada por estudantes lésbicas, gays e bissexuais.
- 3) Comparar os escores de clima do campus observados com base nas orientações sexuais apontadas pelos respondentes.
- 4) Avaliar quatro indicadores de saúde mental (depressão, ansiedade, estresse e resiliência) na amostra referida.
- 5) Comparar os escores obtidos pelos participantes nos instrumentos para avaliar saúde mental, considerando as orientações sexuais indicadas pelos respondentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os pesquisadores referem que o estudo oferece risco mínimo aos participantes, em função de um possível desconforto oriundo de perguntas sobre questões íntimas, tais como sexualidade e possíveis episódios de violência vivenciados. Referem também os procedimentos a serem adotados no caso de ser identificado algum tipo de desconforto dos participantes da pesquisa.

Benefícios:

Benefícios diretos não serão oferecidos aos participantes. Contudo, estes serão informados de que sua participação poderá contribuir para a construção de conhecimento científico. Além disso, eles serão perguntados se desejam receber através de e-mail breves devolutivas sobre os resultados, redigidas em linguagem acessível.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de dissertação de mestrado que se encontra bem fundamentado do ponto de vista teórico e metodológico. O link para participação na pesquisa será divulgado na internet através de publicações em páginas e grupos de redes sociais, os quais estejam relacionados à temática desta proposta de pesquisa, incluindo páginas de coletivos LGBTQs e grupos de estudantes universitários. Além disso, emails serão enviados a reitorias e/ou coordenações de curso de universidades de diferentes estados brasileiros, convidando-as a divulgar o link para seus alunos. Esses procedimentos visam à construção de um perfil diverso de respondentes da pesquisa, de modo a incluir participantes que residam em diferentes regiões do Brasil. A amostra será de 550 participantes, universitários maiores de 18 anos que estudem em instituições de ensino superior brasileiras – estejam eles

matriculados em cursos de graduação ou de pós-graduação – e que se identifiquem como lésbicas, gays ou bissexuais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE encontra-se redigido de forma clara, contendo as informações necessárias sobre a pesquisa, assim como os procedimentos adotados pelos pesquisadores caso identifiquem alguma situação de desconforto dos participantes em função das temáticas abordadas nos instrumentos de coleta de dados.

Recomendações:

Foram atendidas as recomendações quanto à disponibilização dos contatos dos pesquisadores na última tela do instrumento de pesquisa e a constar o local de guarda dos documentos da pesquisa.

Recomenda-se que no item Riscos da Plataforma Brasil e do TCLE conste apenas que, se for identificado algum desconforto dos participantes, o encaminhamento, neste caso, será apenas para serviços da rede pública de saúde e não para a rede privada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de projeto bem qualificado em todos os níveis, estando de acordo com as questões éticas referentes à Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1112133.pdf	09/06/2018 22:32:10		Aceito
Outros	ALTERACOES_CEP.docx	09/06/2018 22:28:14	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_VICENTE_revisado_CEP.docx	09/06/2018 22:21:52	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_VICENTE_revisado_CEP.docx	09/06/2018 22:03:45	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito
Outros	Ata_de_defesa.PDF	23/04/2018 19:49:58	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito

Outros	Curriculo_Lattes.pdf	23/04/2018 19:48:01	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	23/04/2018 19:27:29	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	23/04/2018 19:26:17	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito
Outros	Instrumentos.docx	23/04/2018 19:22:47	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.PDF	23/04/2018 14:29:46	Vicente Rodrigues Inácio Filho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 17 de Junho de 2018

**Assinado por:
Clarissa Marceli Trentini
(Coordenador)**

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Anexo B – Escalas de Depressão, Ansiedade e Estresse – Versão Reduzida

Instruções

Por favor, leia cuidadosamente cada uma das afirmações abaixo e circule o número apropriado **0, 1, 2 ou 3** que indique o quanto ela se aplicou a você durante a última semana, conforme a indicação a seguir:

- 0 Não se aplicou de maneira alguma
- 1 Aplicou-se em algum grau, ou por pouco de tempo
- 2 Aplicou-se em um grau considerável, ou por uma boa parte do tempo
- 3 Aplicou-se muito, ou na maioria do tempo

1	Achei difícil me acalmar	0 1 2 3
2	Senti minha boca seca	0 1 2 3
3	Não consegui vivenciar nenhum sentimento positivo	0 1 2 3
4	Tive dificuldade em respirar em alguns momentos (ex. respiração ofegante, falta de ar, sem ter feito nenhum esforço físico)	0 1 2 3
5	Achei difícil ter iniciativa para fazer as coisas	0 1 2 3
6	Tive a tendência de reagir de forma exagerada às situações	0 1 2 3
7	Senti tremores (ex. nas mãos)	0 1 2 3
8	Senti que estava sempre nervoso	0 1 2 3
9	Preocupe-me com situações em que eu pudesse entrar em pânico e parecesse ridículo (a)	0 1 2 3
10	Senti que não tinha nada a desejar	0 1 2 3
11	Senti-me agitado	0 1 2 3
12	Achei difícil relaxar	0 1 2 3
13	Senti-me depressivo (a) e sem ânimo	0 1 2 3
14	Fui intolerante com as coisas que me impediam de continuar o que eu estava fazendo	0 1 2 3
15	Senti que ia entrar em pânico	0 1 2 3

16	Não consegui me entusiasmar com nada	0 1 2 3
17	Senti que não tinha valor como pessoa	0 1 2 3
18	Senti que estava um pouco emotivo/sensível demais	0 1 2 3
19	Sabia que meu coração estava alterado mesmo não tendo feito nenhum esforço físico (ex. aumento da frequência cardíaca, disritmia cardíaca)	0 1 2 3
20	Senti medo sem motivo	0 1 2 3
21	Senti que a vida não tinha sentido	0 1 2 3

Anexo C – Escala de Resiliência

Por favor, leia atentamente as seguintes questões. À direita de cada uma delas, você irá encontrar sete números, variando de 1 (Discordo Totalmente) a 7 (Concordo Totalmente). Circule o número que melhor indica seus pensamentos sobre cada uma das questões.

Itens	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Discordo	Nem discordo, nem concordo	Concordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente
1. Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu sinto orgulho de ter realizado coisas em minha vida	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu sou amigo de mim mesmo	1	2	3	4	5	6	7
4. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu sou determinado	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já experimentei dificuldades antes	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu sou disciplinado	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu mantenho interesse nas coisas	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu normalmente posso achar motivo para rir	1	2	3	4	5	6	7
10. Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis	1	2	3	4	5	6	7
11. Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar.	1	2	3	4	5	6	7
12. Minha vida tem sentido	1	2	3	4	5	6	7
13. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída	1	2	3	4	5	6	7

Anexo D – Escala de Experiências de LGBTs Junto ao Seus Pares

DURANTE O ÚLTIMO MÊS, com que frequência você presenciou as seguintes situações na sua instituição de ensino?

(1) Nunca

(2) Uma vez

(3) 2-3 vezes

(4) 4-5 vezes

(5) mais que 5 vezes

() Um(a) estudante utilizou linguagem pejorativa, presencialmente, para falar de pessoas LGBTs.

() Um(a) estudante utilizou linguagem pejorativa, online, para falar de pessoas LGBTs.

() Um(a) estudante excluiu outro(a) de uma atividade ou conversa presencial, porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.

() Um(a) estudante excluiu outro(a) de uma atividade ou conversa online, porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.

() Um(a) estudante xingou ou fez comentários rudes sobre outro(a), presencialmente, porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.

() Um(a) estudante xingou ou fez comentários rudes sobre outro(a), online, porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.

() Um(a) estudante agarrou ou tocou outro(a) de forma inapropriada, porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.

- () Um(a) estudante vandalizou, danificou, ou roubou coisas de outro(a), porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.
- () Um(a) estudante expôs (“tirou do armário”) ou revelou informações pessoais sobre outro(a), porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.
- () Um(a) estudante ameaçou agredir fisicamente outro(a), porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.
- () Um(a) estudante agrediu fisicamente outro(a), porque achava/sabia que esse(a) estudante era LGBT.
- () Eu vi pichações anti-LGBT no campus.
- () Um(a) professor(a) ou funcionário(a) utilizou linguagem pejorativa para falar de LGBTs.
- () Um(a) professor(a) ou funcionário(a) tratou um(a) estudante de forma negativa ou injusta porque achava/sabia que o(a) estudante era LGBT.